

Mercado do sexo para menores

JOÃO SCHUBERT

• **Agenciadores agem no Centro e na periferia de JF. Só no Creas, há 24 jovens vítimas sendo assistidas**

Marcos Araújo

marcos.araujo@jfhoje.com.br

Vinte e quatro adolescentes vítimas da exploração sexual, com idades entre 12 e 17 anos, entre elas três grávidas, estão sendo assistidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) Infância e Juventude de Juiz de Fora. Os dados revelam que o município não está imune ao comércio feito por agenciadores. O mercado do sexo acontece nos bares do Centro e da periferia da cidade e, às vezes, passa despercebido pela maioria da população. Em muitos casos, as adolescentes entregam o que têm de mais valor em troca de uma coxinha e uma garrafa de coca-cola. Em outros, o dinheiro conseguido numa noite de programa é maior do que aquele alcançado em um mês, através de programas sociais, como o Bolsa Família.

Além da exploração sexual, o Creas lida com crianças e adolescentes entre 5 e 10 anos (a maioria meninas), vítimas de abuso sexual. Só este ano, em menos de cinco meses, o órgão já tem 83 meninas e meninos sendo atendidos. No segundo semestre de 2008, o número de assistidos chegou 91, o que comprova uma tendência para o aumento dos casos. Segundo a coordenadora do Creas, Fabiana da Silva Chrispim, se

as ocorrências estão em ritmo ascendente é devido ao crescimento das denúncias recebidas. Elas são, conforme Fabiana, a melhor arma que a sociedade tem para lutar contra esse crime.

— O papel da população é denunciar, pois existe um serviço no município com todo recurso técnico para atendimento e encaminhamento das acusações para autoridades, a fim de responsabilizar o abusador — explica, ressaltando que quanto mais o disque-denúncia municipal (0800-283-7991) é divulgado, mais casos são recebidos. Desde sua criação, em 2005, o órgão já acumulou 666 denúncias.

FESTAS

Além de bares na Região Central da cidade e na periferia, é de conhecimento da equipe de Assistência Social do Creas a realização de festas, onde aliciadores agrupam diversas adolescentes para que sejam objeto de prazer sexual de adultos. Para a assistente social Simone Simões, os pacotes de turismo sexual tão comuns no Nordeste do Brasil também acontecem em Juiz de Fora, porém com dinâmicas diferentes.

— Há organizações criminosas em que o agenciador ganha muito dinheiro e as vítimas, com um único programa, conseguem boa renda. Daí ser difícil combater esse tipo de crime, já que elas encontram nele muitas facilidades para ter lucro. Algumas querem dinheiro para comprar roupas, fazer alongamento de cabelo. A vaidade, exacerbada em nossa sociedade, contribui muito para isso. Mas também há aquelas que se vendem em troca de um sal-



• A psicóloga Andrea Foscari conversa com uma das vítimas

gado e um refrigerante — afirma, destacando que a erotização precoce através da televisão e a exposição do corpo inseridos em uma cultura machista contribuem para a situação de exploração sexual.

— Muitas vezes, as pes-

soas veem nos bares adolescentes com trajes mínimos e acham normal. Porém, o mercado do sexo é a pior forma de trabalho infantil — opina, lembrando que o Creas desenvolve serviço de resgate de autoestima dessas adolescentes.

Perigo dentro de casa

O abuso sexual de crianças e adolescentes pode acontecer de forma intrafamiliar e extrafamiliar. De acordo com o último levantamento de perfil do Creas, 50% dos autores fazem parte da convivência familiar da vítima.

Fabiana da Silva Chrispim explica que, para haver o crime, não necessariamente precisa acontecer o ato consumado.

— Se a criança não sente dor, ela não identifica que está sendo violada. O abusador pode trabalhar até com questões lúdicas, como oferecer biscoito, pirulito e alugar DVD com desenho para atrair a vítima. Sendo que na hora do abuso, ele pede à criança para tirar a roupa e acariciá-la. Muitas vezes, ela não tem a per-

cepção do crime, principalmente se for padrasto, tio, irmão ou pessoa mais próxima — garante.

Para a psicóloga ligada ao Creas, Andrea Conde Foscari, o abuso sexual gera sérios prejuízos a quem o vivenciou.

— Cada pessoa pode reagir de uma maneira à agressão sofrida. Algumas podem tornar-se mais agitadas ou introspectiva psicologicamente. Então, nosso trabalho é voltado para a superação a fim de que, quando adultas, as vítimas possam levar uma vida normal no sentido afetivo e sexual. Quando isso não acontece, ela pode se tornar um possível abusador ou uma pessoa com dificuldades de relacionamento.

As ações do Creas

O menor e a família envolvidos em caso de abuso sexual ficam vinculados ao serviço prestado pelo Creas durante o tempo que for necessário, para que haja entendimento da violência sofrida, a fim de que se reestruturem internamente e caminhem para a superação. Há três formas para que as vítimas sejam atendidas: o disque-denúncia, a denúncia espontânea de um familiar que supõe o abuso e através dos Conselhos Tutelares.

A criança ou o adolescente é acolhido por técnicos das áreas de psicologia e serviço social, que prestam informações pertinentes à questão.

PROTEÇÃO

Quando é percebido que o abusador está dentro da casa da criança, é requerido à Vara da Infância e da Juventude, através de relatório bem fundamentado, a retirada do abusador da residência, como medida de proteção. As denúncias recebidas pelo Creas são enviadas à Delegacia de Polícia Civil, gerando abertura de inquérito policial para apuração do abuso.

— A denúncia ideal é aquela, mesmo anônima, que traz o nome da vítima e do abusador, além dos endereços. Esses dados concretos vão ajudar a polícia nas investigações — resume a coordenadora do Creas.